



GT 054. Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira

Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) - Coordenador/a, Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) - Coordenador/a, Ulisses Neves Rafael (Universidade Federal de Sergipe) - Debatedor/a, Lady Selma Ferreira Albernaz (ufpe) - Debatedor/a

A pesquisa de inspiração participante marcou a busca de uma construção reflexiva e dialógica no campo antropológico, notadamente a partir dos anos 1970, no Brasil. O fazer antropológico expandiu-se então consideravelmente, na percepção de que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com os saberes populares e locais, sejam eles tradicionais ou não. Tal pressuposto transformou o cotidiano de muitos professores e pesquisadores, sendo que nas universidades brasileiras ele foi traduzido pela incorporação oficial da extensão no binômio ensino/pesquisa, relacionando conceitual e inexoravelmente a universidade pública com a sociedade e suas demandas. Este GT propõe o debate de aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos de práticas extensionistas em diferentes contextos de atuação e em relação com áreas de conhecimento conexas à antropologia. São bem-vindos relatos de experiência e análises de programas, projetos de extensão universitária e ações extramuros, voltadas para educação, arte, saúde, meio-ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local, trabalho e renda. Deseja-se estimular reflexões e críticas sobre o preceito da indissociabilidade das dimensões de ensino, pesquisa e extensão, considerando-se as condições objetivas e subjetivas da implementação das ações e mediações extensionistas nas distintas regiões do Brasil.

Cine-Bicha: diálogos sobre diversidade sexual e de gênero

Autoria: Luciana Maria Ribeiro de Oliveira, ANA VALERIA SALZA DE VASCONCELOS ANTÔNIO CÉSAR MATOS DE SANTANA FLAVIO BRITO RODRIGUES ROBINSON PIERRE PEREIRA DA SILVA JUNIOR WERTTON LUIS DE PONTES MATIAS

O projeto de extensão Cine-Bicha (UFPB) foi criado em 2018 com a intenção de fomentar espaços de exibição fílmica sobre, com e para a população universitária LGBT, mas também, na intenção de contribuir para uma sociedade mais compreensiva no que diz respeito às questões de diversidade sexual e de gênero a partir do compartilhamento de experiências e emoções, além da troca de informações entre a população universitária LGBT, demais estudantes e comunidade em torno da universidade. Fundamentado numa perspectiva metodológica de ação, o projeto se propõe a realizar intervenções fílmicas na UFPB, nos seus arredores e em eventos acadêmicos que a mesma promova. Com uma proposta de exibição mensal que inclui estudo, planejamento, divulgação e avaliação posterior de nossas ações, o Cine-Bicha se faz presente a partir das demandas que surgem, seguindo a fluidez própria da dinâmica cotidiana do espaço acadêmico, estando sempre aberto para modificações esperadas e inesperadas dos planejamentos iniciais. O work acontece de forma coletiva e colaborativa onde cada um se coloca disponível a partir de suas habilidades e conhecimentos diversos. Os filmes exibidos são de temática sobre diversidade sexual e de gênero. A proposta do projeto justifica-se a partir de uma necessidade local da universidade em promover reflexões sobre e com a população LGBT na perspectiva de combater violências cotidianas por que passam os estudantes LGBTs dentro e fora da universidade, na busca de um melhor bem-viver e conviver. O Cine-Bicha baseia-se na teoria queer. Queer seria um jeito de pensar a partir daqueles que desafiam as normas regulatórias da sociedade, que causam desconforto e provocam ambiguidades que constroem e/ou reconstróem de forma subversiva as suas identidades dentro de uma sociedade opressiva e heteronormativa



(LOURO, 2013; BUTLER, 2017). A respeito dessas construções e reconstruções subversivas, a antropóloga Larissa Pelúcio (2012) afirma que elas seriam a possibilidade de acionamento de um recurso subalterno de sobrevivência. Lembrando que falar de saberes subalternos não é simplesmente dar voz aos que foram privados de fala, mas sim, pensar em outras formas de linguagem, no caso aqui, a do corpo identitário socialmente rejeitado e da sexualidade não padronizada na heterossexualidade cisgênera. A linguagem fílmica surge assim como uma proposta provocativa e capaz de incitar a reflexão e o debate crítico não-violento. Como proposta de análise pós-extensão, intenta-se transformar a experiência das intervenções fílmicas em texto, ?descrição densa? (GEERTZ, 1989), a partir de uma perspectiva etnográfica ?de perto e de dentro? (MAGNANI, 2002; 2009). Objetiva-se que, até dezembro/18, teremos um total de sete intervenções realizadas e etnografadas.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

